

OSMAN LINS CRÍTICO



SEM MEIAS PALAVRAS

FEARLESS WORDS

Cacilda Bonfim¹²⁷

RESUMO: Este artigo aborda o posicionamento crítico do escritor Osman Lins, especialmente no que diz respeito a seu trabalho não ficcional. Vários artigos e ensaios do autor, publicados em livros e jornais se constituem como fonte primordial da presente análise cujos pressupostos teóricos-metodológicos fundamentam-se na análise da conjuntura social e política da época. A ênfase recai, sobretudo, na postura crítica do autor, evidenciando-se que esta é uma de suas facetas biográficas mais acentuadas, visto configurar-se quase como uma marca registrada de sua escrita. Sinceridade e coragem em defender valores constantemente ameaçados pela hipocrisia social e acadêmica mostram uma argumentação vibrante e contundente cujas reflexões éticas e estéticas podem ser tomadas como um diagnóstico do que acontecia nos anos 60 e 70, sobretudo no Brasil. Traça-se um paralelo com o contexto social atual a fim de destacar a relevância que as observações do autor possui nos dias de hoje.

Palavras-chave: Osman Lins; literatura e crítica; *Do Ideal e da Glória*; *Evangelho na Taba*

ABSTRACT: *This article addresses the critical positioning of the writer Osman Lins, especially with regards to his non-fictional work. Several articles and essays by the author, published in previous books and newspapers, were used as primordial source of the present analysis, in which the theoretical-methodological assumptions are based on the analysis of the social and political conjuncture of the time. The emphasis is mainly on the author's critical stance, showing that this is one of his most accentuated biographical facets since it is configured almost as a trademark of his writing. Sincerity and courage in defending values constantly threatened by social and academic hypocrisy shows a vibrant and forceful ethical and aesthetic reflection that can be recovered as a diagnosis of what happened in the 60s and 70s, especially in Brazil. A parallel is drawn with the current social context in order to highlight the relevance that the author's observations have until today.*

Keywords: *Osman Lins; Literature and Critics; Do Ideal e da Glória; Evangelho na Taba*

A escritura de Osman Lins reflete seu vínculo com o mundo. Seu estilo literário, sobejamente rico em técnicas inovadoras do uso da linguagem é um oásis

¹²⁷ Doutora em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLit) da UnB. Professora de Filosofia no IFMA – campus Monte Castelo. E-mail: cacildabonfim7@gmail.com.

poético cuja fruição extrapola o âmbito estético, visto insertar e exortar, simultaneamente, vigorosas reflexões ético-políticas.

Dentre os traços biográficos que compõem o perfil do autor destaco o aspecto crítico, peculiaridade que se configura, inclusive, como uma marca singular de sua escrita.

Dono de uma obra ficcional que abrange contos, peças teatrais, casos especiais para a televisão e romances, Lins encanta não só pelas imagens diegéticas que engendra, mas por deixar que suas narrativas sejam, elas mesmas, a demarcação de uma cosmovisão que materializa seu posicionamento diante da vida. *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, por exemplo, seu último romance, publicado originalmente em 1976, é repleto de questionamentos sobre a crítica e sobre a análise literária em um amálgama temático que traz à tona, também, graves problemas sociais de um período doloroso e vexatório da história nacional, a ditadura militar. O livro, no entanto, embora retrate uma época, não se limita àquela conjuntura e surpreende pela enorme atualidade.

Todavia, é nos textos não ficcionais que se pode encontrar de modo mais direto toda a verve expressiva de Osman Lins em relação ao mundo que o cerca. O acesso aos seus ensaios e artigos não é de todo dificultoso e é possível encontrar algumas obras preciosas, que dão conta do registro memorialístico desta produção do autor em sebos e sites de compra de livros na internet.

No que tange às relações que envolvem o escritor, sua obra e os leitores, *Guerra Sem Testemunhas*, cuja primeira edição é de 1969, chama atenção o modo como Lins aborda questões referentes à crise cultural que o país atravessava e o papel da literatura em meio ao império do consumismo. Já em termos mais específicos de um estudo literário, *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*, publicado em maio de 1976, traz uma rica análise sobre métodos composicionais, permitindo entrever também o compromisso social de qualquer autor, não apenas de Lima Barreto, frente às escolhas estruturais e temáticas que configuram uma obra. *Do Ideal e da Glória: Problemas Inculturais Brasileiros*, editado em 1977, é uma compilação, feita pelo próprio Lins, dos artigos que publicou a partir de 1965 até aquele momento, nos periódicos *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Jornal da Tarde*. A expressão ‘problemas inculturais’, posta no título, já oferece ao leitor uma ideia da coragem de Lins em trazer à tona realidades

sociais constantemente camufladas pelo sonho de um país grande. Em 1979, a editoração da antologia póstuma *Evangelho na Taba: Outros Problemas Inculturais Brasileiros*, amplia o contato do autor com seu público através de artigos veiculados, a partir de 1976, no *Jornal do Brasil*, além de uma série de entrevistas concedidas por ele ao longo de sua carreira. Precioso também é o livro *No caminho dos sonhos* (2014) organizado por Hugo Almeida e Rosângela Felício dos Santos que traz textos de Lins escritos entre 1956 e 1961, quando era colaborador fixo da coluna “Crônica do Recife” do Suplemento literário de *O Estado de São Paulo*. Por fim, destaco os dois volumes de *Imprevistos de Arribação* (2019) organizado por Ana Luiza Andrade, Cristiano Moreira e Rafael Dias, resgate não só dos primeiros ensaios e artigos de Lins, mas também de suas primeiras ficções e poemas.

Estas sete obras contêm verdadeiros tesouros, não só para quem deseja se aprofundar no conhecimento do autor, mas para todos que buscam apurar o olhar sobre a história cultural de nosso país. Neles, uma gama de assuntos é contemplada pelo escritor: tecnologia, moradia, turismo, ensino universitário, livro didático, recepção da literatura brasileira no exterior, falta de iluminação nos transportes públicos, editoração, tradução, censura, o tratamento dispensado aos índios, festejos juninos, cinema, eventos teatrais e resenhas sobre alguns autores, tais como Gilvan Lemos e Lygia Fagundes Telles.

Em uma entrevista de 1976, Lins é perguntado sobre o porquê de estar escrevendo amiúde em jornais e nem sempre ter a literatura como tema. Revelando que deliberadamente decidiu não se ocupar apenas de problemas literários, ele se posiciona claramente.

Penso que o escritor precisa vir para as tribunas de que dispõe e opinar. No momento, só temos ouvido a palavra de políticos. Ou de jornalistas. Mas o jornalista profissional nem sempre dispõe de tempo para meditar sobre o que escreve. Aqui e ali ele traz uma versão original de certos problemas, é certo. Na maioria das vezes, porém, limita-se a repetir lugares comuns (...). Acho que precisamos, dentro do possível, injetar pontos de vista pessoais, juízos, sugestões. Não importa que sejam pontos de vista corretos ou sugestões felizes. Importa, isto sim, que sejam interferências variadas, não gastas. Ocupando-se apenas de livros, de literatura, o escritor deixa o campo aberto, nos jornais, para a inverdade, para o lugar comum, para o estiolamento. Favorece, com isto, uma situação muito cômoda para os que dominam a sociedade.

Acho que não devemos perder nenhuma oportunidade de opinar: sobre trânsito, sobre condições de vida, sobre falta de respeito pelos direitos individuais e coletivos, sobre excesso de ruído, sobre a burrice institucionalizada, assim por diante (LINS, 1979, p. 243).

É, portanto, do ponto de vista de um escritor, que Lins manifesta suas opiniões. Aquilo que se denomina hoje como ‘lugar de fala’ é, no caso dele, o de um artífice da arte literária e isto, sem dúvida, é condição *sine qua non* para a compreensão da densidade crítica de Osman Lins que jamais evita assuntos controversos. Sempre se colocando sem medo, sua resposta é exata, sem rodeios e incisiva.

Na nota que redigiu para a primeira edição de *Evangelho na Taba*, a escritora Julieta Ladeira, viúva de Lins, traça em poucas palavras um perfil preciso do autor e fundamental para compreendê-lo na sua faceta crítica. Segundo ela, a compilação enseja

Um livro de ação, onde, à maneira que caracterizou toda sua vida, Osman Lins vai direto aos pontos essenciais, expondo sua verdade, inteira, **sem meias palavras**. Um livro de **luta e de reflexões**, que transmite de modo muito vivo a confiança de um homem nos valores mais dignos do homem, a fé em sua profissão, a busca da arte como um sentido maior para a vida, o amor à gente de seu país e a preocupação, o ardor, a crença, as muitas renúncias e as inúmeras guerras desse amor tão sofrido (LADEIRA, 1979, pp. 9-10). **[grifo meu]**

É deveras significativo que a coletânea seja descrita como “um livro de ação”, algo que tira da obra o estatuto de mero produto e confere a cada artigo e a cada declaração em entrevistas uma autonomia propositiva que ultrapassa o autor sem, evidentemente, sobrepujá-lo. Osman Lins é objetivo, não faz rodeios em sua argumentação. Questiona, duvida, provoca, ironiza. Continuando o esclarecimento sobre a compilação, ela acrescenta: “Numa época em que nos agridem tanto as afirmações infalíveis, ele [Osman Lins] reflete sobre os problemas e oferece ao leitor a oportunidade de também refletir e tirar suas próprias conclusões” (LADEIRA, 1979, pp. 9-10).

Eis o que parece ser o cerne de sua crítica: convidar ao exercício do pensamento, propor uma avaliação honesta da situação, projeto que não se encerra apenas

nesta compilação, mas que é presente e perceptível em seus demais textos do mesmo gênero.

Coragem, combate, indignação, dignidade, independência, franqueza, são algumas qualidades facilmente perceptíveis nas críticas que Osman Lins lança através de palavras tão precisas e cortantes que dificultam a crença de que seu leitor não tenha sido afetado por elas.

Vejamos, por exemplo, um artigo de 1959, intitulado, “Em Defesa de Uma Geração Acusada”. Ora, estava-se em um período próspero para a economia norte-americana que começava, após a Segunda Guerra Mundial a solidificar sua hegemonia. O clima de otimismo coincidiu com o surgimento do rock ‘n’ roll, de modo que guitarras elétricas, blusões de couro, motocicletas, brilhantina e chicletes davam o tom à chamada geração Elvis Presley e/ou James Dean.

No Brasil, vivia-se o governo JK e, apesar da economia nacional se abrir ao pecúlio estrangeiro, deixando-nos mais dependentes do capital externo, também pairava uma atmosfera amena e positiva de confiança desenvolvimentista. Nas rádios, ao mesmo tempo que a bossa nova emergia com João Gilberto e Tom Jobim, explodiria, também, Celly Campello e seu sucesso “Estúpido Cupido”, versão brasileira de uma música norte-americana. Porém, o que hoje soa como resplendor de anos dourados e inocentes parecia algo ameaçador para os conservadores da época, sempre prontos a atacar toda e qualquer florescente novidade, como ainda acontece nos dias de hoje.

Osman Lins não se deixa levar e inicia seu artigo com uma denúncia que traz de imediato o tom de sua indignação: “É **irritante** observar como certas ideias, em determinadas épocas, dominam sem concorrência o mercado” (LINS, 2019, p. 69) [grifo meu]. Ele está se referindo a crença clichê e corrente de que se estava diante de uma juventude perdida da qual nada se podia esperar. Aos que nisso acreditavam, propagando um preconceito ignóbil que benefício algum poderia infundir, Lins vocifera. Destaco abaixo alguns trechos:

[...] quero bradar que não é a chamada geração *blue-jeans* (...) quem está liquidando o país.

[...] o que eu quero é protestar contra o puritanismo caviloso, a injusta ira, a incompreensão com que se investe, unanimemente, contra uma geração inteira (...).

Não são os fanáticos do “rock’nroll” [sic] que se locupletam nos cargos públicos, fazendo negociatas, estabelecendo compadrios, sugando o país. Não são eles que triunfam na política, mentindo, organizando caixinhas, servindo-se de escroques e ladrões para conquistar a aprovação pública, a ingênua admiração do povo. São os outros, os maduros, os austeros, os bem-comportados, os homens solenes, que devem constituir o nosso verdadeiro medo, o nosso pavor. Eles é que constituem o grande mal de nosso tempo, o sinal aterrador de nossa época, eles é que são os verdadeiros transviados, sobretudo contra eles é que devemos erguer sem descanso a nossa implacável indignação (LINS, 2019, pp. 69-70).

É de fato espantoso o modo como o autor se coloca audaciosamente, se expondo de uma maneira tão honesta que causa comoção. Por outro lado, é terrificante perceber que se tirarmos suas palavras do contexto, principalmente as do último excerto, elas soam como se Lins estivesse se referindo ao que chamamos hoje de ‘cidadão de bem’, protótipo da pessoa machista, branca, homofóbica, racista e hipocritamente cristã que destila ódio e prega violência por onde passa. Nesse sentido, como observou Andrea Collaço em sua apresentação no V Encontro de Literatura Osmaniense¹²⁸, não se trata de tomar Osman Lins como um visionário, afinal, ele não está falando de algo que teria previsto acontecer. O assombro ocorre pelo reconhecimento de que através da sensibilidade e indignação do autor nos deparamos atualmente com uma situação cultural e ideológica idêntica. Repito, o artigo foi publicado em 1959. Passados 62 anos, encontramos o mesmo tipo de pessoa, fazendo as mesmas falcatruas e dominando a cena social e política com as mesmas ultrajantes dissimulações.

São inúmeros os exemplos desta escrita crítica de Lins que, com o passar dos anos, vai se tornando cada vez mais categórica. Sua independência dá o tom de sua sinceridade e ele não recua e nem se deixa intimidar por pessoas ou instituições.

¹²⁸ Evento ocorrido em outubro e setembro de 2020. Apresentação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cfiEkKw5tAU>.

Mas não é apenas através de textos escritos que se pode constatar a combatividade crítica de Osman Lins. Perguntado em certa ocasião sobre o tipo de leitor que ele gostaria que lesse seu livro ele declara:

(...) o público universitário não me atrai, é um público que compra por obrigação, por indicação. É obrigado a comprar, então vai e compra o livro. Acho interessante financeiramente, no que significa para informação e direitos autorais. Mas, do ponto de vista da minha vida como escritor, isso não me é interessante. Pois o que há de alegre na literatura é que ela não se dirige precisamente a ninguém. Ela é lançada, está aí, então vai o cara voluntariamente e adquire o livro, ou não adquire, compra, dá para outro e tal, e é levado voluntariamente a isso. A literatura me alegra inclusive porque é o campo por excelência da liberdade. Liberdade de você escrever o que quer e publicar, e a liberdade do cara escolher ou não. Eu acho formidável que o sujeito tenha liberdade de não comprar o meu livro e de não me ler nunca. Enquanto que, se eu sou um autor que o professor manda comprar, essa liberdade do leitor ficou cerceada para mim, é uma coisa que mina um pouco o clima de liberdade geral que deve ser o ato de escrever. (LINS, 1979, p. 229).

O assunto é atualíssimo e ainda polêmico. A fala do autor, entretanto, não traz apenas uma explicação prática e pontual, revela seu modo de ver a literatura e com isso, contribui poeticamente para a compreensão do que vem a ser o âmago da arte literária, tão desvalorizada e/ou tomada como mero objeto de consumo.

Não há complacência com o que precisa ser denunciado e posto em discussão. Cabe também deixar claro, na busca por construir um retrato fidedigno da sua faceta crítica, que Lins só era irônico em seus textos quando o tom se mostrava apropriado ao tema desenvolvido, pois sua integridade ética o impedia de incorrer em grosserias ou falta de respeito (Cf.: ALMEIDA, 2014, p. 13).

Vem daí a adjetivação ‘combatente’ empregada pela maioria dos seus comentaristas quando tentam precisar o modo pungente com o qual o autor se comunica com o público leitor. Talvez neste ponto, caiba indagar: mas com o quê exatamente Osman Lins se sentia indignado? A resposta, embora complexa, se dela se retirar o tom piegas e superficial de alguns termos desgastados, cabe em uma frase: com as injustiças

de um mundo abusivo, caracterizado pela hegemonia de uma ordem social prepotente e excessivamente autoritária. É isto que Osman Lins combate e que se alastra e manifesta no âmbito acadêmico, artístico, educacional e político-social.

Tendo dedicado sua vida e um amor incondicional à literatura, grande parte da produção crítica de Lins versa sobre essa arte, de modo que sua abordagem do tema vai se encandeando em uma espécie de intertextualidade às temáticas de cunho mais social.

Em artigo inédito até 1985, quando foi publicado no Suplemento de Cultura do jornal *O Estado de São Paulo*, Osman Lins volta-se à crítica literária e lança questões basilares e marcadamente significativas. “O Crítico Julga. Quem Julga o Crítico?” é a pergunta título, que permite por si só presumir a desconfiança e a contestação que o autor fará em seu texto perante certas normas de avaliação.

A motivação do artigo é a percepção de Lins sobre a posição vantajosa que o crítico ocupa, ficando sempre à vontade para falar o que bem quiser da obra sem que ao autor seja dada a chance de resposta. Com isto, o crítico tem sempre a última palavra. Ninguém julga a avaliação feita por ele. Quando raramente acontece de um escritor se manifestar este passa a ser considerado “um indivíduo inconformado, sem humildade, intolerante e que quer impor a qualquer preço, a sua produção” (LINS, 1985). Por isso, observa Lins, na maior parte das vezes, ainda que perceba que foi incompreendido ou que sua obra foi deturpada, o autor prefere silenciar, “aguardando que o tempo se encarregue de aclarar as águas” (LINS, 1985).

O ponto nevrálgico é que o crítico literário funciona como um árbitro que influencia a opinião dos leitores e consequentemente a venda de livros. Exatamente por isso, a possível distorção da imagem do escritor ou de seu livro é danosa e acarreta inúmeras consequências. Grosso modo, Lins destaca três vertentes nesse processo de deturpação. A **crítica lisonjeira**, excessivamente elogiosa e repleta de bajulações, que confere ao autor e à obra mais crédito do que o merecido; a **crítica depreciativa**, carregada de deboche, desrespeito e ofensa e a **crítica do descaso**, totalmente indiferente ao que o escritor produz, sem qualquer menção a sua obra e condenando-o ao ostracismo.

Inserem-se nestes três grupos tipos variáveis, tais como: **o crítico falsamente generoso**, **o crítico universitário**, que geralmente leciona literatura e que está afinado com o sistema, **o crítico inculto ou falsamente culto**, **o crítico conservador**, impositor de diretrizes estéticas, **o crítico noticiarista**, que fala de vários livros em um único artigo, mas é superficial e ligeiro na análise, **o crítico sem paixão**, que não escolhe as obras sobre as quais escreve e que é pago para este ofício e **o crítico que é expressão da classe social hegemônica** e que, portanto, produz guardiões desta mesma classe.

Por trás de cada uma das atitudes prepotentes está a tentativa desleal de isolar o escritor, afastá-lo do público leitor, dificultando o seu reconhecimento. Este é o aspecto mais grave para Osman Lins.

Sua coragem em elaborar uma crítica à crítica literária faz vibrar. Por certo, os críticos da época não devem ter ficado satisfeitos e duvido muito que os de hoje também ficassem. Mas posso garantir, como sua leitora que me senti enobrecida, porque Lins está tentando uma comunicação direta com seu público, sem mediações ideológicas arbitrarias. Ele está obstinadamente tentando advertir seu leitor, encorajando-o a perceber que na crueza deste jogo muito mais mercadológico do que cultural, ele também sai perdendo.

Ora, Osman Lins não está se opondo à crítica como se fosse um adolescente ressentido que, incapaz de aprovação, se tornasse colérico e hostil. Isso não tem o menor sentido frente à personalidade que o autor deixa transparecer em todas as suas obras e entrevistas e com os testemunhos sobre sua pessoa. A questão é muito mais ampla. Lins, nunca se esquivou em admitir que “a crítica amplia a obra literária” (LINS, 1979, p. 267).

Em um outro artigo, Lins escreve que não há para o escritor alegria maior do que ler a crítica de um desconhecido, alguém com quem o autor nunca teve contato trazendo um testemunho compreensivo e enriquecedor sobre sua obra. Logo em seguida, ele completa, pode haver “irritação maior, para o escritor, que a crítica cega ou – como às vezes sucede – mal intencionada? (LINS, 1979, p. 45). Eis a questão. Não é toda e qualquer crítica literária que está na mira de Osman Lins, mas aquela que é propositalmente atroz.

Esse tipo de crítica, que lança mão de expedientes escusos, citações descontextualizadas e capciosas e que se guia por intenções obscuras, funciona como uma censura velada, exercendo um papel ditatorial. É exatamente mediante essa atitude que a frase de Julieta Ladeira, citada anteriormente, é prenhe de sentido: eles estavam vivendo numa época em que as **afirmações infalíveis agrediam** e, por isso mesmo, Lins questiona, duvida, se rebela e incita seu leitor a fazer o mesmo.

Tratando sobre a mesma questão da crítica inquisidora e pernicioso, em um outro texto, ele convoca o leitor: “Reflitam sobre isto os que amam a liberdade e a literatura. E decidam por si se não repercute nas posições e postulados desses mentores o mesmo diapasão totalitário e imobilista das forças políticas que hoje nos regem (LINS, 1979, p. 70). Depois de ter visto, Lins quer fazer ver.

Não é só o artista que é alijado quando a censura ataca a sua obra. O público também padece. Interditada-se a cultura e junto com ela, o referencial artístico de uma época. Osman Lins, neste contexto, traz à tona também a crise que envolve a própria imprensa nacional e não se constrange em afirmar que os jornais são veículos de comunicação que estão cada vez mais limitados. Além de remunerarem mal o crítico, dificilmente abrem espaço em suas edições ao exercício de uma crítica literária que possa ser fecunda (LINS, 1979, p. 267).

Na visão de Lins, o autor nunca deve calar-se. “Para o escritor, o silêncio, o conformismo, a submissão, são as piores atitudes. Não conheço nenhum caso na História em que o conformismo do prejudicado tenha levado a uma solução favorável a seus interesses” (LINS, 1979, p. 186).

Com outras palavras, plenas do mesmo sentido, Lins se posiciona novamente:

Parece-me útil e até necessário, que o escritor, quando a ocasião se apresenta, procure dentro do possível, desfazer equívocos em relação à sua obra e tente, fora da obra, abrir caminho em direção aos seus destinatários. Pois a obra existe, mas é só chegando a eles, os destinatários, que ela alcança sua razão de ser (LINS, 1985).

Na obra, autor e leitor se encontram, se descobrem e se atualizam. Eis a literatura. Mas também os textos não ficcionais guardam sua magia. Seguindo as opiniões de Lins, o leitor testemunha e, de certo modo, participa da indignação que ele manifesta e compartilha.

A palavra ‘crítica’ deriva do grego, *krienein*, que significa julgar, selecionar, peneirar. No âmbito das Letras, se traduz pela apreciação de obras literárias a fim de julgar suas qualidades e lhes atribuir um valor. Ora, Osman Lins chama a atenção do público para a preponderância de critérios escusos e autoritários na emissão destas avaliações. Logo, ele está evidenciando elementos que comprometem a validade de certos julgamentos literários.

Implícito no próprio ato de criticar, isto é, de julgar validamente, está presente a ação de observar e nesta, aquele que julga, toma assento como espectador/leitor frente a situação e/ou obra. Nesta posição ele pode requerer o distanciamento próprio da imparcialidade¹²⁹ e se deixar penetrar pelo acontecimento/texto, abrindo-se a estes. Note-se que a ‘abertura’ – isto é, colocar-se plenamente receptivo – é a condição de possibilidade para que o juízo ocorra. Caso contrário, haverá um pré-juízo, ou seja, uma avaliação preconcebida que inviabiliza a compreensão/fruição daquilo que se avalia.

É como se o mundo se tornasse um grande palco e Osman Lins, o crítico, observador arguto do espetáculo prescrutasse o significado manifesto nas cenas a fim de iluminar cada um de seus sentidos.

Ora, o espectador autônomo não almeja dirigir o espetáculo, impondo a este suas regras. Sua atividade, isto é, seu papel como crítico, levanta questionamentos, dúvidas. Ao lançar sua crítica e pôr a descoberto situações caóticas, Osman Lins não faz apenas uma descrição de fatos, ele pensa-os. Tal pensamento em nada se relaciona com abstrações de natureza metafísica ou com raciocínios lógicos dedutivos. Liga-se, antes, à vivência, ao mergulho na experiência empírica, nas sensações. Este pensar é um ato

¹²⁹ O termo ‘imparcialidade’ não se confunde aqui com a ‘objetividade’ moderna que visa atingir certa neutralidade em relação ao objeto que estuda. Também não significa aqui isenção de envolvimento emocional, algo inconcebível na literatura osmaniana e na própria proposta do autor. A expressão está sendo utilizada no sentido empregado por Kant, exprimindo, portanto, desinteresse de motivos particulares em relação àquilo que se julga. Ou seja, o julgamento imparcial não busca se beneficiar do próprio juízo que emite. Ver, Kant, *Crítica da Faculdade do Juízo*: § 5, 6, 7.

apaixonado e, sobretudo, um convite para que o leitor faça o mesmo, penetre nos acontecimentos e realize suas próprias interpretações.

Debruçando-se sobre questões políticas, éticas e estéticas o combate de Osman Lins não é só pela cultura em geral, ou pela literatura, ou por sua obra. Avidamente ele luta também por seu leitor, confluindo todos esses aspectos para a batalha primordial de conservação e conquista daquilo que se apresenta cada vez mais urgente: a dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Hugo. “No caminho do sonho”. In.: ALMEIDA, Hugo; SANTOS, Rosângela [orgs]. *Osman Lins - Quero falar de sonhos: textos críticos do autor de Avalovara*. São Paulo, Hucitec, 2014.

COLLAÇO, Andrea. “Osman Lins Político”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cfiEkKw5tAU>.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução de Valério Rohden e Antonio Marques. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LADEIRA, Julieta de Godoy. “Nota Preliminar”. In: LINS, Osman. *Evangelho na Taba: Novos Problemas Inculturais Brasileiro*. São Paulo: Summus, 1979.

LINS, Osman. *Evangelho na Taba: Novos Problemas Inculturais Brasileiro*. São Paulo: Summus, 1979.

_____. *Do Ideal e da Glória: Problemas Inculturais Brasileiros*. São Paulo: Summus, 1977.

_____. *Guerra sem Testemunhas*. São Paulo: Ática, 1974.

_____. “Em defesa de uma Geração perdida”. In.: ANDRADE, Ana Luiza et al [orgs]. *Imprevistos de Arribação*. Vol. 2. Navegantes: Papaterra, 2019.

_____. “O crítico julga. Quem julga o crítico?” In *O Estado de São Paulo*, 22/12/1985.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.